

## Cavalhadas na Campeã (Marão)

POR

**António da Eira e Costa \***

Prof. da Escola Preparatória de Rates (Póvoa de Varzim)  
Sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

Esta palavra «cavalhadas» pode naturalmente levar-nos a recordar guerras em que a cavalaria representou a força mais poderosa e decisiva nas vitórias alcançadas. Lembrar-nos-á as migrações dos povos, lá desde os confins da História. Não nos ficará ausente da memória a evolução da vida social, com altos e baixos na importância da cavalaria. Como trasmontano, é-me impossível deixar de pensar nas regiões fronteiriças do norte de Portugal com rixas e rivalidades entre portugueses e espanhóis durante séculos, com invasões, assaltos, depredações, delicados problemas gerados pela oscilação das fronteiras.

Cavalhadas lembram-nos as ordens de cavalaria, as vias terrestres do comércio, as peregrinações medievais, as justas, os torneios, as corridas, os jogos, os divertimentos.

Recordo a propósito, as Cavalhadas de Vildemoinhos, que andam todos os anos nos jornais, e estudadas por Glória Maria Martins de Melo Bandeira, com um belo trabalho que me foi dado consultar na Sociedade de Antropologia. Citarei ainda

---

(\*) Bairro Agro Velho, 2 — Aver-o-Mar — 4490 Póvoa de Varzim.

outro trabalho de João Gil Tavares da Ponte, sobre «Cavalhadas de S. Pedro — Ilha de S. Miguel — Açores» (1).

As Cavalhadas da Campeã remontam a um passado longínquo, demonstrando alguma coisa subjacente a comprovar a capacidade e a força de uma região pouco acessível, unida, invencível; uma área de privilégio que a dado momento deixou de pensar em lutas, para se divertir com a força da cavalaria. A própria palavra «Rótulo» indica a origem remota dos tempos em que se escrevia em pergaminho, levando-nos a crer que o «Róteli» é termo digno de estudo mais profundo e pormenorizado, juntamente com a «Lúa», todos os anos declamada pelo Carnaval, para crítica e chacota, onde se dão e apanham boas zurzidelas, com vista à moralização da vida social, segundo o modo do clássico latino: «ridendo, castigat mores».

O «Rótli» ou «Rótli» é um discurso em verso, geralmente em quadras, dirigido ao povo, pelo chefe de cada grupo de cavaleiros, como adiante se verá.

Campeã é uma das 29 freguesias do concelho de Vila Real, situada na ponta ocidental do concelho, a confinar com os concelhos de Amarante e Mondim de Basto.

A Campeã, briosa e ciosa das suas tradições velhinhas, encrespa-se, teimando por não se deixar esmorecer. De um ao outro ano, é sempre uma esperança renovada, como que o reflorir de qualquer outra primavera.

Os quatro mordomos da festa de Santa Ana — esposa de S. Joaquim e mãe de Nossa Senhora — esses quatro moços, de punhos de renda, constituem-se quatro polos daquele mundo, sobre os quais tem de fazer-se o movimento de rotação da maior festa das redondezas do Marão. São nomeados pelos mordomos do ano corrente, no momento solene da missa da festa, depois do sermão, pronunciados os seus nomes pelo

---

(1) Os dois citados estudos foram «trabalhos especiais» feitos pelos referidos alunos do curso de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Ver neste mesmo fascículo o artigo «Trabalhos especiais dos alunos do curso de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto», pág. 21 a 47.

pregador, correspondendo a um segredo de deuses caído como explosão de uma bomba no terreno da curiosidade do povo.

A sua nomeação sob a aprovação do pároco da freguesia, vincula-os à missão de suportar os nada leves encargos da festa, como sendo um acto sacramental. As funções do mordomo comportam uma parte mítica que os transporta, pelo espaço de um ano, a uma atmosfera nova em que a sua pessoa se transfigura em símbolo.

Correm a área planáltica, aos domingos, cada qual ostentando ao ombro, como ornamento, um saco de linho bordado a ponto de cruz, indo de casa em casa, fazer o rol das promessas em dinheiro que cada família irá cumprir no dia da festa.

Este planalto da Campeã é um cálice de linda flor, cálice gigantesco, entre as pétalas descomunais do Marão e do Alvão, com a terceira pétala da Fraga de Panassuar, mas faltando-lhe a 4.<sup>a</sup> pétala, a nascente. Não lhe nasceu ainda; pelo que é evidente a meninice do vale planáltico da Campeã. Teima em ficar sempre como infante sem um dente, a ver se por ali espreita a tetinha materna da «Vila». É que Vila Real é a mãe da menina Campeã. O Pai Marão dá-lhe mimo, mas a mãe pouco lhe dá do muito que ela precisa.

Nesta Campeã idílica e edénica, a festa é o acontecimento de grande relevo a toda a roda do Marão. Quando aparecem a pegar às quatro fitas do andor de Santa Ana quatro mordomos dos de sangue na guelra e herdeiros de nome a ressoar ao longe, então, aí todo o mundo aventa: para o ano é que vai ser!...

E é.

Os mordomos pronto fazem constar que «ou a coisa vai ou rebenta».

Aquela gente é assim. Quando diz que vai, vai mesmo.

E para ir, é muito importante o «levantamento» do povo «em tecto», o que se obtém, por exemplo, com a promessa de nesse próximo ano se fazerem as Cavalhadas, que só lá de tantos em tantos anos se conseguem realizar.

As Cavalhadas são o cartaz mais cartaz de quantos se possam imaginar. Tudo quanto irei dizer a seu respeito, não se pode considerar «cornos da lua» hiperbólicos.

É o fim do mundo!

Há maluquinhos apaixonados que se deslocam de muito longe, até desde o Porto, só para assistirem à passagem do «Cartaz Ambulante»: as Cavalhadas da Campeã.

Elas são, nem mais nem menos, o anúncio da festa «da Santa Ana».

Tentarei fazer um relato de tão extraordinário evento.

É num domingo, talvez umas quatro semanas antes da festa que por tradição se realiza em fins de Julho.

O cenário são todas as aldeias da freguesia e mais as outras circunvizinhas onde os mordomos vão recolher donativos para as despesas da festa. Povoado onde eles peçam a esmola, lá têm de passar as Cavalhadas: Torgueda, Arrabães, a Foz, Gontães, Quintã, Vila Cova; e toda a freguesia, que não é nada pequena, com os seus dezoito povoados.

Para as Cavalhadas, são convidados os lavradores que tenham cavaladuras.

Na minha meninice quase metade dos fogos possuía um cavalo ou uma égua. Era da praxe, pois o exigia a vida comum, tanto para «ir à Vila» como às feiras, aos enterros, etc., etc.

As Cavalhadas são feitas com a colaboração de dois grupos de cavaleiros, denominados os «ASSEADOS» e os «ROTOS».

É tradicional a preferência de todo o povo pelo grupo dos «Rotos».

Por essa razão, o grupo dos «Asseados» costuma ser sempre muito mais reduzido em comparação com o dos «Rotos».

O domingo das Cavalhadas é exaustivo e nem todos se prestam para suportar semelhante tarefa. No entanto, há figurantes apaixonados que não perdem a oportunidade, mesmo que o peso dos anos caído sobre os seus dorsos já os comece a vergar.

Um dia inteirinho no «corrilório», é desporto sem dúvida exaustivo e de certo modo temido pelo dispêndio de energias.

Contudo, sempre se juntam uns quarenta ou cinquenta cavaleiros.

Alguns têm de ir necessariamente, por aficionados, dar o seu contributo ao espectáculo. Posto que as Cavalhadas são uma verdadeira jóia de etnografia, uma cavalgada tão pitoresca, cavalheiresca mesmo e invulgar, como não havia de ser um polo de atracção como é na realidade?

No domingo aprazado os dois grupos juntam-se de manhãzinha no largo da Feira. O grupo dos «Asseados» vai à frente com o seu chefe que lê o «Rótulo» no sítio mais central da povoação, onde é já do costume.

O grupo dos «Rotos» vai atrás.

### OS «ASSEADOS»

Os «Asseados» vestem a rigor trajes de cavaleiros de há mais de cem anos; ou então, ajudados pelos seus familiares, arranjam calças e jaquetas de feitiço invulgar, bordaduras e enfeites ao sabor do seu gosto ou ainda segundo a criação de qualquer costureira, e com predomínio das cores fortes.

Os chapéus ou barretes são também garridos e originais.

Todos se apresentam mascarados, à excepção do chefe do grupo. Este costuma ser pessoa de respeito. Por mor da decência, tem de ir de rosto descoberto, para que se veja que o anúncio da festa merece a atenção e o crédito de todos. Os outros usam caretas a aparentar rostos jovens, belos e afidalgados.

Os componentes do grupo desfazem-se em salamaleques para todos os lados, atiram confectos de carnaval <sup>(1)</sup>, cortejam muito especialmente as moças solteiras. Fazem as honras o melhor que podem e sabem a todas as pessoas, sobretudo às mais respeitáveis. Não se recusam a estender a mão de luva branca a qualquer que lhes fique a «ponto de tiro».

---

<sup>(1)</sup> Denominados «porbilhos» em Quintã, Vila Real. As caretas são máscaras de Carnaval compradas nas lojas.

Alguns até espargem água de colónia sobre a assistência.

O chefe dos «Asseados» puxa pelo «Rótulo», e colocando os óculos sobre o nariz, num gesto de pretensão academismo, com ares de ministro e foros de soberana competência, de medalhas ao peito, mais as dragonas doiradas e as fitas multicolores de não sei que ordens, e de borlas e frangas, de penachos e penas e tudo, eis que dá a primeira arrancada, finalmente, com um vozeirão mais penetrante do que os microfones das feiras:

Respeitável auditório:  
Uma coisa vos pedia.  
Desculpai o palanfrório  
Da minha pouca sabedoria.

Venho anunciar a novidade  
Da festa que vai ser pomposa  
Como inda nunca foi feita  
Em honra de Santa Ana Milagrosa.

Respondem os cavaleiros em sinal de aprovação e em coro meio desconcertado, e num tom agudo, feminino, de modo a camuflar a voz:

Coro:

Uh! u, u, u... fú — fu... u!  
Isso é que é verdade!  
Tudo verdade!...  
Tudo verdade!...

Entretanto espicaçam os cavalos, e uns e outros gesticulam para a assembleia dos populares aglomerados nos portais, apinhados nas janelas, cobrindo os muros, ocupando todo o terreno disponível.

É que a aldeia comparece toda em peso. Não fica viva alma ausente.

Batem-se palmas e ouvem-se vivas. Um estranho frenesi galvaniza todos os presentes.

Entretanto o emissário continua, depois de, com muito custo, alcançar do povo o necessário silêncio:

Santa(i) Ana, grande santa,  
Mãe de Nossa Senhora;  
Ela que nos livra da geada,  
De tudo é merecedora.

O coro repete-se no fim de cada estrofe.

Uh! u, u, u... fú — fu... u!

Tiram-se os chapéus, como respeito e veneração pela memória da Santa (i) Ana que é a protectora do pão nosso de cada dia, contra a calamidade da geada que alguns anos queima a quase totalidade das culturas, sobretudo o milho.

E o leitor prossegue:

Grande, no céu e na terra,  
A esposa de S. Joaquim  
Vamos fazer-lhe ãa festa digna,  
Como nunca se fez assim.

Coro:

Os largos gestos dos cavaleiros acompanham os améns agudos; e apertando a barbela, obrigam ao cabecear das cavaladuras que de vez em quando se dignam acompanhar o alvoroço com seus relinchos nervosos e estridentes.

Já os foguetes estoiram  
Com bombas das mais potentes,  
Encomendadas de longe  
Aos fogueteiros mais importantes.

Já vieram três carradas  
Só para o anúncio da festa;  
Porque nunca na vida houve  
Nem vai haver outra como esta.

Coro:

Coro:

Logo no dia da véspera,  
A Feira de Ano!... Grande feira!...  
Prémios de muito valor,  
Coisa de encher a carteira

Coro:

O público procura fixar quantas palavras diz o que lê o «Rótulo», aprecia a declamação, goza da arte do poeta, rindo da ousadia atrevida e galante.

As palmas nascem por concomitância, já que ali toda a gente faz parte da cena, tomando a palavra, dando parabéns,

felicitando à esquerda e à direita, gozando aqueles fugazes momentos de alegria.

Então a garotada miúda, essa delira, espantada com tão estravagante aparição, para si inexplicável, misteriosa.

Há corrida de cavalos;	Virão romeiros aos milhares
Vem de longe os corredores.	De todas as redondezas!
Escusado era dizer-se:	Mais de cem pipas de vinho;
O prémio é dos melhores!	Mil tendas de miudezas!

Coro:

Coro:

Grupos de tamborileiros	Feira de arromba vai ser,
De «Beiriz» e de Mondim;	De alegria e reinação,
Cabeçudos, gigantones...	Com cavacas e copinhos
Numa algazarra sem fim!	A alegrar o coração.

Coro:

Coro:

Música, dança e foguetes:  
 Uma alegre chinfrineira,  
 E no fim os bolsos cheios  
 Com biscoutos da Teixeira (1).

Coro:

E à pequenada vai crescendo a água na boca, enquanto a mocidade antevê o gozo de uma tarde de alegria.

Alguns apontam a dedo um ou outro dos figurantes, tentando adivinhar quem seja, através dos gestos e das atitudes, ou então por conhecerem os cavalos.

A Missa vai ser Solene	Um pregador afamado,
E com grande instrumental;	Vai fazer lindo sermão.
Vem trinta e nove cantores	Palavras santas bem ditas,
De fora de Portugal.	A muitos comoverão.

Coro:

Coro:

---

(1) Biscouto da Teixeira é conhecido a toda a roda do Marão, vendendo-se em todas as festas e feiras. Teixeira é uma freguesia do concelho de Baião.



E a grande Procissão?  
São oitocentas figuras  
Com vestimentas de gala,  
Fora anjinhos e «virgens puras».

Coro:

E todos se regalam de ouvir estas gabarolices, comparando-as com as dos outros anos, sobretudo os velhotes que nelas haviam tomado parte, conservando na memória, muitas das quadras que sublinharam tanta vez, com o seu «uh! fu, fu!» mentiroso.

NOTA: Virgens puras, refere-se ao costume de muitas pessoas prometerem ir na procissão descalças e vestidas com uma «mortalha» ou veste branca, em sinal de terem escapado de doença mortal, por milagre de Santa Ana.

Os «assaias» de outros anos  
Foram todos rejeitados.  
Hão-de vir outros de Braga;  
Que já estão encomendados.

Trinta andores sairão,  
Alguns da altura da Igreja;  
Que os mordomos este ano  
Querem coisa que se veja.

Coro:

Coro:

«Raios os partam! Que tanto alanzoam», diz alguém ali ao canto!

Em resposta a este, um outro comenta:

— Quem os ouvir não é mouco.

E um terceiro:

— Olha que não são acanhados!...

E depois de tudo isto,  
Duas músicas de fama,  
Tocarão até ser dia,  
Que p'ra elas não há cama.

O fogo do arraial  
Vai ser coisa nunca vista  
Vai ser tão lindo tão lindo,  
Que não há quem lhe resista.

Coro:

Coro:

O fogo vem de Viana  
 Encomendou-se há oito meses  
 A camioneta que o traz,  
 Carrega-o por sete vezes!

Esta festa meus senhores  
 Vai dar muito que falar  
 O que vos anunciei, até  
 Já consta p'ra além do mar.

Coro:

Coro:

Meus senhores e senhoras  
 A nossa despedida é esta:  
 Lá nos juntaremos todos  
 Nessa grandiosa Festa!

Numa tremenda algazarra de vivas, de palmas e aclamações, a cavalgada ilustre dos ilustres mensageiros debanda em alta correria, a caminho de outro povoado.

Assim, como um meteoro a riscar os céus, a cavalgada que passa transforma-se num espectáculo de instantânea fulguração, alegre ao ouvido, atraente para a vista, sempre harmonioso, agradável, empolgante, aglutinador das multidões. É querido e amado de todos, inocente, divertido, sem grandes gastos, além do bater das ferraduras das montadas e da ceia que a mordomia a todos oferece.

Anote-se um suspiro a evolar-se do peito saudoso de um velhote, recordando tempos que lá vão, e o sabor de rebuçado engulido por descuidada criança. Pálida imagem da cena que ante meus olhos correu apenas por duas vezes e me deixou o gosto de «saber a pouco»!!...

Depois da debandada do grupo dos «Asseados» pronto chegarão os componentes do grupo dos «Rotos».

## OS «ROTOS»

Coitadinhos deles!...

É assim mesmo o seu apresentar: Rotos, esfarrapadinhos, andrajosos.

Aí vem eles, a correr desabridamente, como setas, na perseguição dos «Asseados».

À sua chegada, parece que tudo fica electrizado e tonto! É um delírio de simpatia; algo de misterioso, como se ali de

repente se extravazara um rio invisível de entusiasmo, de admiração, com berros e gritos e um indisível frenesi de contentamento, de gozo pleno.

Sempre isto, à vista daqueles trinta ou quarenta figurantes, cada qual o mais andrajoso, o mais exótico, o mais estranho que imaginar se possa.

Ei-los que chegam e logo todo o bicho careta se move, despertando como que para uma embriaguez de sonho maravilhoso. É a vida em suspenso naquela atmosfera de regozijo, em que todos se sentem irmanados, como mergulhando em banho de conjunto ou arrebatados para um ambiente extra-terrestre onde tudo se esquece e onde se recria o momento único de supremo deleite.

Há identidade entre o grupo cavalgante dos «Rotos» e o sentir dos mirones. Irmanam-se, fundem-se no incenso odoroso de ondas etéreas.

Como se mordidos por um enxame de vespas, eles mostram-se violentos, rápidos, lesto como o azougue, irrequietos, voltando à esquerda e à direita, provocando risos ou gritos, com maneiras tão cortesias, quais são as suas dádivas e ofertas, lançadas à pressa e à surrelfia: atiram punhados de serrim, cinza da lareira, areia ou terra; e uma vez por outra, «caganitas de cabra ou de ovelha».

Isto é da praxe. E para além dos gritinhos risonhos da banda das moçoilas em maior grupo e mais atingidas, nada mais existe de destoante. Todos folgam e riem, e ninguém há que se moleste.

Muito longe disso.

Na representação dos «Asseados», apertava-se o cerco, que eles eram todos medidas, e pouquinhos para encher o terreiro. Mas agora? Para além de serem muitos, o círculo alarga-se mesmo, na tentativa de escapar à cortesia do farelo, à poeirada da cinza, e outros mimos que podem vir...

E agora impor silêncio?

Para a leitura do rótulo, é um cavalo de batalha, porque brota um infindar de comentários, uma cascata medonha de

gargalhadas, pelo cómico de um só cavaleiro... Quanto mais uma «récu» de quarenta ou cinquenta, cada qual o mais grotesco, cómico, extravagante, com jeitos de bobo, ou bobo com jeitos de herói, fazendo gestos humorísticos, arranhando-se por causa dos parasitas, investindo em atitude de escárnio contra os assistentes, fingindo contagiá-los mediante o arremesso das pulgas e dos piolhos.

Instintiva criação, num jacto estupendo de força bruta, a jorrar desta cena patética, em que o povo é povo na plenitude de expressão de si mesmo.

As próprias montadas ostentam arreios velhinhos «a cair em pedaços» uma cabeçada coberta de palha velha denegrida. Ornamentam-se com cordões de cabos de cebola, cheios de nós; cordões de gravetos, na anca o desadorno de uma pele toda pelada... e toda a sorte de coisas que se prestam para contrariar o fausto dos «Asseados».

O cavaleiro prepara o mais andrajoso possível o seu vestuário. Desornamenta-se, lançando mão do seu poder imaginativo. Utiliza tudo quanto lhe parece apropriado para causar surpresa e asco, assombro ou medo, mas sobretudo o riso.

Desde a cabeça aos pés, cada um dos cavaleiros é modelo único de fantasia, mostruário de pobreza, e um mundo de objectos a caracterizá-lo para o transformar em símbolo.

Utiliza penas, cornos, peles, latas velhas, guizos, um bacio velho e esburacado.

As caretas, com que mascaram os rostos apresentam variadíssimas formas e os materiais mais inconcebíveis. Representam por vezes bichos e feras ou mesmo o próprio diabo com cornos e tudo. E tudo é fingido caprichosamente e com tal génio artístico, e com tal veio irónico e satírico, que é mesmo de se ficar de boca aberta. Torna-se bem visível naquele cenário único e ímpar, a encarnação das figuras maldizentes (1).

---

(1) Vejam-se: Amoletos lunares toledanos por José Ramón y Fernandez Oxea e Máscaras y sermones de Carnaval en Cotobad, de A. Fráguas, o 1.º no Tomo XXI e o 2.º no Tomo II in Rev. de Dialectologia y Tradiciones Populares de Madrid.

Usam por adornos e condecorações, rosários de caroços de milho, cordões de bugalhos, de gravetos, cordas velhas, com toda a sorte de cruces, amuletos e medalhões nem que sejam de cortiça queimada, ou bocados de madeira podre, bandas e colares de farrapos velhos; à mistura com rabos de raposa, crinas, caixas de fósforos, pequenos remendos de cores berrantes, chifres, campainhas, os maiores chocalhos, guizos, argolas ferrugentas; cremalheiras e latas velhas, a sublinhar o grotesco, a chacota, a ironia das condecorações dos «Aisseedos».

Enfim: engenho e arte, na arte de maldizer. As figuras surgem como cenário vivo a dar consistência de alicerce, ao «RÓTLE» ou «RÓTLI» dos «Rotos» improvisado todas as vezes que as Cavalhadas se repitam, sendo escolhida uma das pessoas às quais melhor veio humorística se reconheça.

Repete-se o que já atrás foi dito:

É um cavalo de batalha só para o que lê o «RÓTELI» impor silêncio: que depois do rebentar do morteiro fica o eco a multiplicar as ondas de ressonância acolhidas no cerne da alma popular. O chefe do grupo dos «Rotos» levanta o braço e acena com o manuscrito do «Rotli», convidando assim a que todos o escutem.

No momento propício ele começa:

Sou chefe dos Cavaleiros  
Da Sociedade do Piolho;  
Mas confesso sem vergonha  
Que como batatas sem molho.

Rompe geral gargalhada que logo se sublinha mediante o coro dos cavaleiros.

Uh! u, u, u... fú — fu... u!  
Isso é que é verdade!  
Tudo verdade!...  
Tudo verdade!...

A honra de um cavaleiro  
É defender a verdade.  
Leve o Diabo ó inferno  
A mentira e a falsidade!

Coro:

E já toda a assembleia aposta para apreciar os ditos que a cada momento se espera serem dos de tocar a corda fina do cómico e da ironia.

A última quadra referida é, por assim dizer, o preparar do terreno para em seguida fazer a lavra.

O orador, de voz segura e bem timbrada, repetindo já pela décima terceira vez os dois primeiros versos da sua mais lídima rectórica:

Sou o chefe dos Cavaleiros  
Defensores da verdade,  
Amigos do nosso povo  
E toda a cristandade.

Coro:

Não temos papas na língua  
Por isso falamos verdade;  
É como quem se confessa  
Aos pés do Senhor Abade!

Coro:

Anda pr'ái ãa cáfila  
De fidalgotes pintados,  
Tão gabarristas e aldrabões,  
Que mereciam ser enforcados.

Coro:

São fidalgos de meia tijela.  
Esperai, vou-vos contar:  
Viste-os passar, moncosos,  
Sem ter com que se limpar.

Coro:

É ãa farda pobrezinha  
Com piolhos e outra bicharada;  
Mas é nossa, muito nossa  
Ninguém a traz alugada!!

Coro:

Lutamos contra a mentira,  
Vamos contra os aldrabões.  
Por isso temos a farda  
Cheia de condecorações.

Coro:

Bom provérbio, bom ditado  
Aquele de Salomão.  
Antes pobre, mas honrado,  
Do que rico e «aldrabão».

Coro:

Fidalgotes asseados,  
Parecem filhos de Rei;  
São fardas, alugadas.  
Eu que o digo, é porque o sei.

Coro:

Acreditai no que eu digo,  
E digo com juramento:  
Nós somos pobres, está visto,  
Neste pobre fardamento.

Coro:

Mas os ricos p'ra serem ricos,  
Que misérias passarão?  
Nós comemos pão e caldo;  
E eles? Caldo sem pão!!!

Coro:

Andam pr'aí os coitados  
 Qu'rendo arrotar a presunto:  
 Mas o povo não espera  
 Por sapatos de defunto.

Coro:

Meus senhores e senhoras  
 Digo-lhes do coração  
 A sua treta não merece  
 A nossa consideração.

Coro:

Fidalguinhos, fidalguinhos,  
 Todos de caras rapadas:  
 Onde é que está o respeito  
 Senão nas barbas honradas?

Coro:

A feira da Campeã  
 É igual à do Bilhó:  
 Uma é ponto sem linha  
 Outra é linha sem nó.

Coro:

Que feira a da Campeã!  
 Feira fraca, feira feia,  
 Que começa às quatro horas  
 E acaba às três e meia!...

Coro:

Só numa coisa se cuida  
 Poder dar-lhes os «amens»  
 Darem água sem caneco  
 Do barro de Bisalhães.

Coro:

Grande coragem a deles!  
 Que bazófias de ãa cana!  
 E brincam com coisas santas  
 Da festa «da Santa(i) Ana»!

Coro:

Muito ricos, muito ricos,  
 Fartinhos... de trabalhar;  
 Mais piolhosos que nós...  
 Sem vagar p'ra se catar!

Coro:

E que são caras sem barba,  
 Senão caras sem vergonha!  
 Eles vergonha não têm;  
 Mas há-de haver quem lha ponha!

Coro:

Que prémios eles vão dar,  
 No mês e ano da fome?  
 Quem compra pão p'ra comer  
 não se farta, que mal come...

Coro:

Os prémios que eles vão dar  
 Não servem nem p'rá canalha:  
 Não pode haver quem aceite  
 Desafios de navalha.

Coro:

Em carradas de foguetes  
 É um regalo ouvi-los:  
 Hão-de ser carros de nabo <sup>(1)</sup>  
 E puxados por dois grilos...

Coro:

---

(1) Alusão ao artesanato infantil que com o nabo por matéria prima, constrói carrinhos de bois e faz a junta de bois que junta e «apõe» ao carro.

O pregador afamado  
 Já é novidade velha  
 Porque só pode ser um:  
 O Grande Abade de Ovelha (2)

Coro:

E o coro dos anjinhos,  
 Mais novecentas figuras!  
 Inventar tantas asneiras,  
 Não é de cavalgadas.

Coro:

Os foguetes da promessa  
 São girândolas de patranhas,  
 Que no fim vão istoirar menos  
 Do que um magusto de castanhas.

Coro:

Até o diabo se há-de rir  
 Por tremer o céu e a terra!  
 Quem treme são mas é eles:  
 Porque quem paga é que berra...

Coro:

Nós temos de fazer guerra  
 A quem faz tanto abuso.  
 Mas desculpai quem faz guerra  
 Por falta de um parafuso.

Coro:

Neste negócio de esmola  
 São piores que os ciganos  
 Mas já toda a gente sabe  
 Quando é dia de enganar.

Coro:

Os andores, isso sim:  
 Vai ser coisa que se veja  
 Fica tudo tão espantado  
 Que ninguém mais pestaneja.

Coro:

A música vem de longe  
 Já toda a gente reprova  
 É igual à do Joaquim Tolo,  
 O pobre de Vila Cova.

Coro:

A mentira mais bonita  
 É do fogo do «arraial»:  
 Vão ser dois sacos de pinhas  
 Roubadas num pinheiral.

Coro:

E eles fazem lembrar  
 O cão que ladra e não morde  
 Prometem sol e mais lua  
 .....

Coro:

Parecem doidos varridos  
 Com promessas aos montões:  
 O que eles querem é ver  
 Se apanham alguns «testões».

Coro:

O fogo mais forte, a arder,  
 É o medo que os traz assados  
 De ao fim dos pagamentos  
 Ficarem muito empenhados.

Coro:

(2) Alusão ao célebre orador sagrado, rival, em certo modo, do seu vizinho António Cândido, este orador parlamentar, A Águia do Marão.

Ovelha era antigo nome da freguesia de Aboadela e designação do rio do mesmo nome afluente do rio Tâmega.



São filhos de lavradores,  
E alguns de muita fama;  
Mas com dores de barriga  
Nem podem dormir na cama.

Coro:

Falam de cima da burra  
Os que não sabem falar  
Mas lá vem a maré dura  
De os verdes quase a chorar.

Coro:

Andar a fingir de rico  
É vergonha e é tristeza  
Mas para nós, ser verdadeiros,  
É que é a nossa riqueza.

Coro:

Mas a treta dos Asseados  
Pelo menos desta vez,  
É ãa reles pantomina,  
Do mais reles «atremês».

Coro:

Nós todos aqui viemos  
P'ra vos desenganar  
Cautela, que a ratoeira  
É p'ra papalvos caçar.

Coro:

A festa da Santa(i) Ana  
Todos querem que se faça.  
Nós também; mas sem ouvir  
Mentirosos desta raça.

Coro:

Ide à festa, sim senhor,  
Pra honrar à Santa(i) Ana.  
Mas procurai desviar-vos  
Da mauta que vos engana.

Coro:

Fazemos a despedida  
Para todos em geral.  
Se alguém ficou ofendido,  
Desculpe, não foi por mal.

Coro:

Uh! u, u, u... fú — fu... u!  
Isso é que é verdade!  
Tudo verdade ...  
Tudo verdade ...

## CONCLUSÕES

As Cavalhadas da Campeã constituem um documento de etnografia viva, um quadro histórico onde surge a vida expressa na sua constante dualidade.

Os dois grupos de cavaleiros, os «Rotos» e os «Asseados», percorrem os mesmos caminhos, embora sob a aparência diversificada dos estratos sociais. Ocupam posições como que con-

trárias, mas evitando sempre o confronto directo. A rectaguarda é logicamente o lugar das classes desfavorecidas, como o comprovam as Cavalhadas da Campeã.

Há nesta acção das Cavalhadas dois pontos pressupostos, ou duas supostas oposições. É o conjugar dos contrários, para o alcançar de uma vitória que depende do esforço das duas partes. O aparato dos «Asseados» vem a ser a suposta vitória; mas o fingimento é tão claro, que enche totalmente o espaço das dúvidas, para os tornar supostamente os vencidos.

Com os «Rotos» dá-se o contrário.

Ao fazermos a soma do contributo de cada um dos grupos, encontramos o traço de união desse entremês representado com a extensão agigantada que o caracteriza.

Obra de ficção, a suposta oposição dos dois grupos, dois exércitos supostamente inimigos, contribui nos dois campos, sem serem de verdadeira batalha, para alcançar uma vitória comum.

Os «Asseados» utilizam como arma a propaganda hiperbólica, com que procuram ferir a sensibilidade das massas populares. Simultaneamente, aliam a coordenada da diplomacia mediante a pompa dos figurantes a aparentarem o fausto de nobres com suas honras, dignidades e riquezas.

O difícil da sua acção consiste no enquadramento do discurso desde logo reconhecido como falso, e esperado como tal — uma série de promessas irrealizáveis — no fundo sério de uma realidade séria: a carga de religiosidade que é posta em jogo mediante aquele estratagema à primeira vista inadaptado, ilógico, falto de sentido.

Há uma tentativa de, com a paródia sobre o facto, alcançar um efeito contrário ao efeito da paródia.

Em sentido inverso, os «Rotos» vão fazer guerra, só de palavras embora, mas baseados numa realidade que é a raiz do seu triunfo: a falsidade das promessas dos «Asseados», tida como se fosse grave ofensa à dignidade de toda a gente; alguma coisa semelhante ao escarnecer da própria religião. Com este fundo de realidade, entram em campo, furibundos, como luta-

dores prontos para todos os sacrificios. A sua arma é a arte de maldizer, posta ao mesmo tempo, como bisturi penetrante, mais sobre o coração do povo do que no dorso dos «Asseados».

O ribombar da ironia demarca bem ao vivo o campo da dupla acção, com a pseudo-vitória dos «Rotos», que arrastam para a sua banda o povo delirante.

Na realidade é uma batalha de «moinhos de vento», com muito de insólito, de quixotesco, de mítico, à mistura com o interesse religioso que é essencialmente o móvel de todo aquele aparatoso espectáculo.

Há como que o entrelaçar de duas tramas sobre uma única urdidura. Destrói-se no moinho de vento o conjunto inflado de velas irreais. Descarna-se o mito, reduzindo-o ao esqueleto, no esquarterar da chacota. Ruem as paredes do próprio moinho. Ficam os alicerces da religiosidade. Realça-se a fé do povo e a manifestação da sua total dependência de Deus; e pela necessidade da mediação dos santos, propõe-se a construção das muralhas à volta da cidadela, que é representada na festa da Santa (i) Ana, defensora do povo contra o flagelo da geada.

Diz-se a todos os ventos e marés naquele grandioso espectáculo das Cavalhadas, como a teia da vida de um povo se entretece à custa de honra e sacrificio, manifestando a profundidade do sentimento religioso à mistura com uma ponta de vaidade e regozijo semipagãos. Será um acto sacrificial não de todo rectificado nem muito bem explícito, manifestando que a vida do homem continua a ser mistério.

Poderá deduzir-se, pela boca dos «Rotos», que é ridículo o acto de fé na soberania das riquezas, na ostentação do luxo, nas áureas dos pergaminhos: porque nem tudo o que luz é ouro, nem o ouro pode ser o maior sustentáculo scial. Até as aparências iludem, como reza o ditado de Cimo de Vila — Chaves:

«Dinheiro e santidade,  
Metade de metade».

Os dotes da alma são valores extra classes, o palmo que mede os homens independentemente de estratos sociais, de cores políticas, de características raciais e até de graus de cultura. O povo sabe disso. As Cavalhadas da Campeã provam-no, mostrando boa parte da sua filosofia, herança de muitos séculos, como um oceano de praias e de ondas ainda e sempre sem demarcação circunscrita.